

Armazenagem de Grãos no Brasil:

Déficit Recorde, Perdas Bilionárias e os Caminhos para a Solução

134 milhões de toneladas sem onde armazenar

R\$ 109,8 bilhões em renda perdida (2023–2026)

R\$ 148 bilhões necessários para zerar o déficit

Carlos Cogo — Sócio Diretor de Consultoria

Cogo Inteligência em Agronegócio | www.carloscogo.com.br

Sumário Executivo

O Brasil vive em 2025 o maior déficit de armazenagem de grãos de sua história. Com uma safra estimada em 360 milhões de toneladas e capacidade estática de apenas 226 milhões de toneladas, o país enfrenta um gap de 134 milhões de toneladas — grãos que não têm onde ser guardados adequadamente.

Esse descompasso é estrutural e vem se agravando há pelo menos 15 anos: a produção cresceu em média 6% ao ano desde 2010, enquanto a capacidade de armazenagem avançou apenas 3% a 4% ao ano. O resultado é uma perda financeira de R\$ 109,8 bilhões entre 2023 e 2026, calculada pela Cogo Inteligência em Agronegócio a partir dos prêmios portuários reais — renda que o produtor deixou de receber por ser forçado a vender no pior momento do calendário agrícola.

Para zerar o déficit atual seriam necessários R\$ 148 bilhões em novos investimentos. O crédito público existe — o Plano Safra 2025/26 programou R\$ 8,2 bilhões via PCA, a maior dotação da história — mas apenas 39% chegaram ao produtor, travado por taxas de 8,5% a 10% ao ano em um momento de margens comprimidas e endividamento elevado.

Este relatório apresenta o panorama completo do déficit, seus impactos econômicos e logísticos, e os caminhos necessários para que o Brasil construa a infraestrutura que o tamanho de sua agricultura exige.

1. Um Descompasso que Vem de Longe

O déficit de armazenagem no Brasil não é novidade — ele vem se acumulando há pelo menos 15 anos, e o que estamos vendo agora é o resultado de um descompasso estrutural que nunca foi devidamente enfrentado. A produção brasileira de grãos cresceu em média 6% ao ano desde 2010, enquanto a capacidade estática de armazenagem avançou apenas metade disso, entre 3% e 4% ao ano. Em volume absoluto, a produção cresceu mais de 110 milhões de toneladas na última década, enquanto a capacidade avançou pouco mais de 50 milhões. O gap simplesmente dobrou.

Hoje, com uma safra total estimada em 360 milhões de toneladas e capacidade estática de 226 milhões de toneladas, o déficit chega a 134 milhões de toneladas — o maior da história. Armazenamos menos de 63% do que produzimos, quando o ideal seria ter capacidade superior à produção anual para garantir flexibilidade comercial e logística ao longo do ano.

Vale registrar que a referência de que a capacidade deveria ser 20% superior à produção, frequentemente atribuída à FAO, não tem essa origem — foi mencionada pela própria CONAB em um seminário sobre armazenagem em 2006 e acabou se perpetuando como citação equivocada. O fato concreto dispensa qualquer referência externa: armazenamos 134 milhões de toneladas a menos do que produzimos.

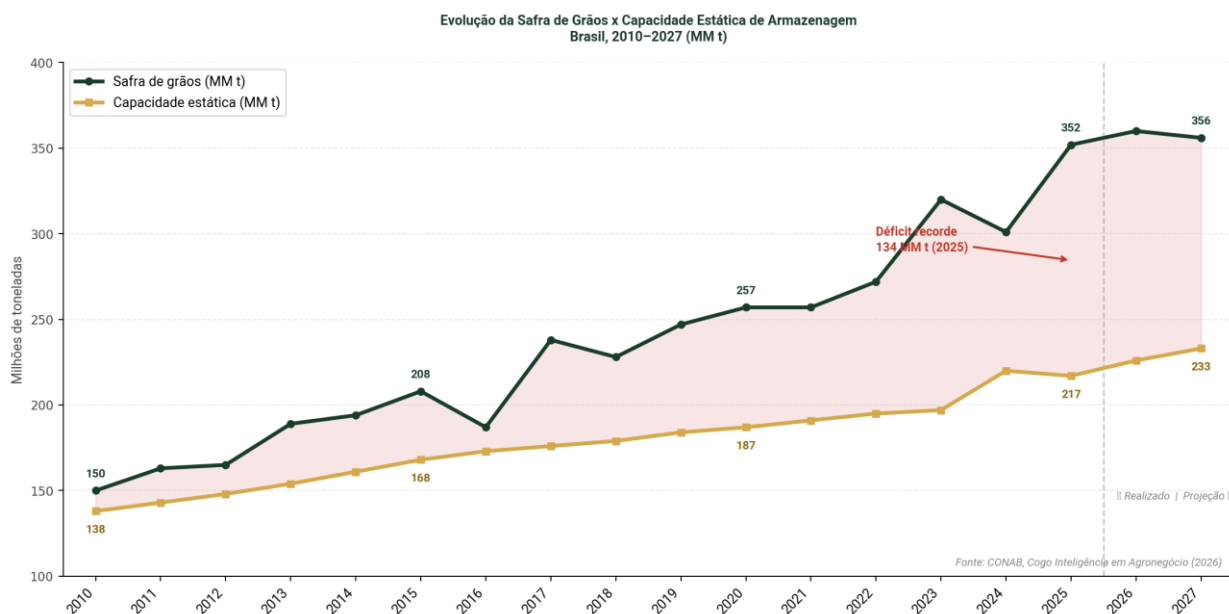


Gráfico 1 — Evolução da Safra de Grãos x Capacidade Estática de Armazenagem, Brasil, 2010–2027 (MM t)
Fonte: CONAB, Cogo Inteligência em Agronegócio

Há três fatores estruturais que explicam esse acúmulo. Primeiro, o crescimento da agricultura brasileira foi extraordinariamente rápido, especialmente no Cerrado e no MATOPIBA, regiões onde a infraestrutura nunca acompanhou a fronteira agrícola. Segundo, apenas 17% da

capacidade instalada está dentro das fazendas — on-farm — enquanto nos EUA esse índice é de 65% e na Argentina, de 40%. Isso significa que o produtor brasileiro depende de armazéns de terceiros, distantes das áreas de produção, o que concentra toda a pressão logística no pico da colheita. Terceiro, o crédito específico para armazenagem — o PCA, do Plano Safra — nunca foi suficiente nem bem executado. Em 16 anos de programa, menos de 65% dos recursos programados efetivamente chegaram ao produtor.

2. O Déficit por Região: Onde o Problema é Mais Crítico

O déficit de armazenagem não é uniforme pelo território brasileiro. As regiões que mais produziram nas últimas safras são, paradoxalmente, as que menos têm capacidade relativa de guardar o que colhem. O Centro-Oeste, maior região produtora do país com 165 milhões de toneladas de soja e milho na safra 2024/25, apresenta déficit de 80,5 milhões de toneladas — uma lacuna de 49% em relação à sua produção.

Nas regiões Norte e Nordeste, onde a fronteira agrícola avança aceleradamente, o cenário é ainda mais grave: o Norte registra déficit de 59% e o Nordeste, de 43%. No MATOPIBA, o déficit de armazenagem chega a 60% em alguns locais, obrigando os produtores a transportar imediatamente toda a safra recém-colhida, sem qualquer possibilidade de aguardar melhores

As regiões Sul e Sudeste apresentam superávit de capacidade — 7% e 28%, respectivamente — reflexo de um histórico mais antigo de cooperativismo e investimento em infraestrutura. São Paulo lidera o superávit com 75%, seguido do Rio Grande do Sul com 69%. Esses estados funcionam como referência do que é possível quando a infraestrutura acompanha a produção, mas representam exceção em um país onde o crescimento mais acelerado da produção ocorre justamente nas regiões mais deficitárias.

3. Juros Altos Travaram os Investimentos no Pior Momento

O ambiente de juros elevados e cenário internacional incerto contribuiu de forma decisiva para travar os investimentos precisamente quando eles eram mais necessários. O Plano Safra 2025/26 colocou R\$ 8,2 bilhões disponíveis para armazenagem via PCA – a maior dotação da história do programa. Mas apenas 39% desse recurso chegou ao produtor. Não faltou recurso público programado; faltou condição financeira para o produtor acessar.

O motivo é direto: o PCA opera com taxas entre 8,5% e 10% ao ano. Especialistas do setor estimam que a taxa ideal para viabilizar o investimento em armazenagem estaria entre 6% e 6,5%. Nos EUA, o financiamento equivalente custa entre 4,6% e 4,75% ao ano, com prazo de até 12 anos. O produtor brasileiro paga o dobro da taxa, com prazo menor, em um momento em que as margens estão comprimidas por preços de commodities em queda e endividamento rural elevado.

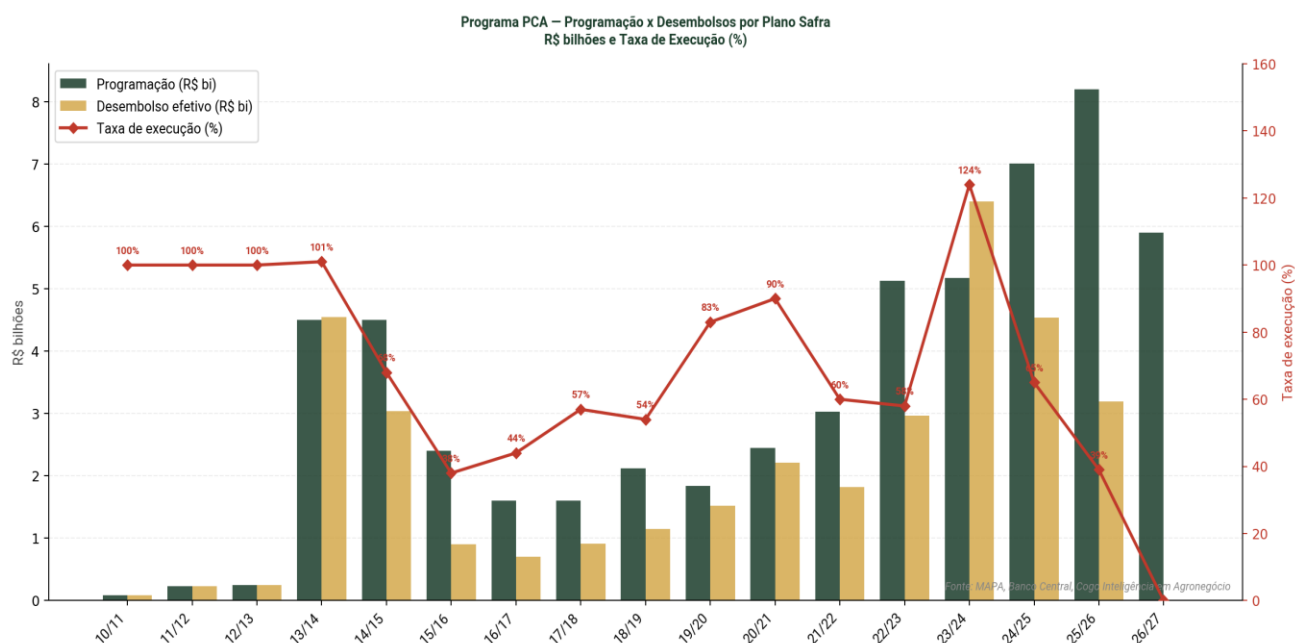


Gráfico 3 – Programa PCA: Programação x Desembolsos por Plano Safra (R\$ bilhões) e Taxa de Execução (%) Fonte: MAPA, Banco Central, Cogo Inteligência em Agronegócio

O histórico do programa é revelador: em 16 anos, a taxa média de execução ficou em torno de 64%, e em vários ciclos ficou abaixo de 60%. O pior período foi entre 2015/16 e 2017/18, com execuções de 38%, 44% e 57%. O único ano de superação foi 2023/24, com 124% – reflexo de demanda reprimida e melhora temporária na rentabilidade dos produtores. O ciclo atual de 2025/26, com a maior programação da história e apenas 39% executados, é emblemático do impasse: o recurso existe, a necessidade é urgente, mas as condições financeiras não permitem o acesso.

Com o mercado externo instável e os preços da soja e do milho em patamar mais baixo do que em 2022 e 2023, o produtor prioriza liquidez e honrar dívidas em vez de imobilizar capital em infraestrutura. O resultado é que o déficit recorde de 2025 foi, em grande parte, determinado pela janela de 2022 a 2024, quando os investimentos deveriam ter sido feitos e não foram.

Déficit de armazém se constrói em ciclos anteriores – quando chega a safra recorde, já é tarde demais para reagir.

4. O Custo Real: R\$ 109,8 Bilhões em Renda Perdida

O impacto é direto, mensurável e recorrente. A Cogo Inteligência em Agronegócio calculou que, entre 2023 e 2026, o déficit de armazenagem custará ao produtor brasileiro R\$ 109,8 bilhões em perdas financeiras — R\$ 71,7 bilhões em soja e R\$ 38,1 bilhões em milho. Isso não é perda física de grão. É renda que deixou de existir porque o produtor foi forçado a vender no pior momento do calendário, quando os prêmios portuários estão negativos e o frete está no pico.

A metodologia é robusta: compara o prêmio praticado mês a mês com o benchmark histórico do segundo semestre — período em que o mercado se normaliza — e multiplica pelo volume comercializado. O resultado revela um padrão que se repete todo ano: entre janeiro e maio, a oferta brasileira inunda os portos, os prêmios despencam, frequentemente para terreno negativo, e o produtor sem armazém vende porque não tem escolha. Em 2023, pior ano da série, o prêmio da soja chegou a menos US\$ 1,59 por bushel em abril.

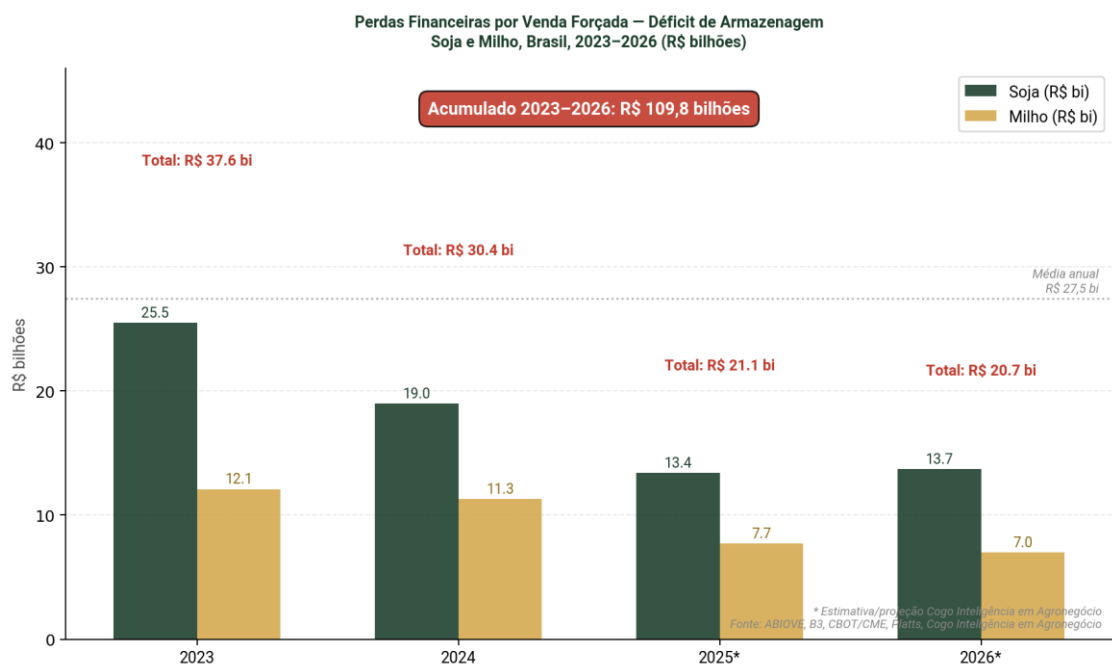


Gráfico 4 — Perdas Financeiras por Venda Forçada — Soja e Milho, Brasil, 2023–2026 (R\$ bilhões) Fonte: ABIOVE, B3, CBOT/CME, Platts, Cogo Inteligência em Agronegócio

No campo logístico, a Esalq-LOG e o USDA calcularam que transportar soja de Mato Grosso até Xangai custa USD 116 por tonelada, dos quais 73% — USD 84 — correspondem ao trecho terrestre de apenas 2.000 km. O frete marítimo de 20 mil km até a China custa menos do que o caminhão do campo ao porto. Isso acontece porque 60% dos grãos brasileiros dependem de rodovias, e sem armazenagem distribuída nas origens, todos os grãos vão para a estrada ao mesmo tempo.

Em Sorriso (MT), a soja que valia R\$ 103 a saca em março de 2024 chegou a R\$ 132 em outubro — R\$ 29 a saca de diferença. Quem tinha silo capturou parte dessa valorização; quem não tinha, vendeu no pior momento e perdeu. A CNA confirma: 41% dos produtores com armazém próprio obtiveram ganhos adicionais de 6% a 20% nas últimas três safras simplesmente por poderem escolher quando vender. **Armazenagem não é custo — é instrumento de geração de renda.**

O prejuízo de 4 anos (R\$ 109,8 bi) pagaria quase toda a solução

99,8 MM t

de nova capacidade estática construída a R\$ 1.100/t — praticamente todo o déficit atual

5. O Que Precisa ser Feito: Crédito, On-Farm e Estratégia de Estado

A solução exige tudo ao mesmo tempo, mas com uma clareza que ainda falta no debate público: **o problema não é falta de recurso programado — é falta de condição para acessar**. O Plano Safra 2025/26 já colocou R\$ 8,2 bilhões no PCA — a maior dotação da história. O problema é que esses recursos chegam com taxa de 8,5% a 10% ao ano, quando o investimento exige prazo longo e retorno gradual. Enquanto isso, o produtor americano financia seu silo a 4,75% ao ano com até 12 anos de prazo. A indústria brasileira tem capacidade produtiva ociosa — a Kepler Weber, maior empresa do setor na América Latina, e a Abimaq confirmam isso. O que falta não é fábrica de silo. O que falta é crédito acessível.

Primeiro passo: reduzir a taxa do PCA para 6% a 6,5% ao ano e ampliar os prazos para 12 a 15 anos, com foco especial em produtores de pequeno e médio porte e nas regiões de fronteira agrícola como o MATOPIBA, onde o déficit chega a 60% da produção local.

Segundo passo: reverter a concentração off-farm. Com apenas 17% da capacidade instalada dentro das fazendas, o Brasil desperdiça sua maior alavanca disponível: o silo próprio que dá ao produtor poder de negociação, reduz o pico logístico e distribui o escoamento ao longo do ano. A Kepler Weber estima que seriam necessárias de 5 a 7 mil novas unidades armazenadoras para zerar o déficit de 134 milhões de toneladas — o equivalente a cinco anos de produção da indústria de uma vez.

Terceiro passo: reconhecer que armazenagem é estratégia de Estado, não política agrícola ordinária. Para apenas acompanhar o ritmo de crescimento da produção — sem reduzir o déficit acumulado — seriam necessários R\$ 15 bilhões por ano em novos investimentos, segundo a Abimaq. Para zerar o déficit atual de 134 milhões de toneladas, a Kepler Weber estima R\$ 148 bilhões. Nenhum Plano Safra, sozinho, resolve isso. É preciso combinar crédito subsidiado de longo prazo, desonerações fiscais para construção on-farm, parcerias público-privadas para regiões de fronteira e estabilidade de regras que dê previsibilidade ao investidor privado.

Conclusão

O Brasil produz 360 milhões de toneladas de grãos e tem espaço para guardar 226 milhões. São 134 milhões de toneladas que ficam expostas, vendidas na pressa ou transportadas no pior momento. O produtor brasileiro produz com eficiência exemplar da porteira para dentro — mas continua exportando competitividade junto com a safra, porque o país não construiu a infraestrutura que o tamanho da sua agricultura exige.

Enquanto isso não mudar, o produtor vai continuar pagando, todo primeiro semestre, o preço mais caro do calendário — não pelo que fez de errado, mas pelo que o país deixou de construir.

Fontes e referências: CONAB — Capacidade estática e produção agrícola (2025/2026); IBGE — Levantamento de armazenagem (início de 2026); Itaú BBA — Radar Agro: Armazenagem de grãos no Brasil (agosto/2025); Cogo Inteligência em Agronegócio — Perdas financeiras por déficit de armazenagem 2023–2026 (junho/2026); Kepler Weber — Estimativas de déficit e investimento necessário (2025); Abimaq — Câmara Setorial de Equipamentos para Armazenagem; CNA — Pesquisa sobre ganhos de produtores com armazém próprio; Esalq-LOG / USDA — Custos logísticos de exportação de soja (2024); ABIOVE, B3, CBOT/CME, Broadcast, Platts — Prêmios portuários e volumes comercializados.

Carlos Cogo — Sócio Diretor de Consultoria | Cogo Inteligência em Agronegócio

www.carloscogo.com.br | Julho 2026